

# A FANFARRA

Propriedade de uma associação academica

Sonnez, sonnez toujours, clairs de la pensee! — V. HUGO

ANNO II

Faculdade de Direito de S. Paulo, Maio de 1912

NUM. 2

DIRECTOR  
CLOVIS RIBEIRO  
REDACTORES  
A. SARTI PRADO  
BENJAMIN L. VIEIRA  
DOLOR B. FRANCO  
DURVAL REBOUÇAS  
H. DUQUE COSTA  
JAYME BALLÃO JUNIOR

Toda a correspondência deve ser dirigida á  
Rua Martim Francisco, 3-S. PAULO

## Pela união academica

Diluida pela reacção do meio corrosivo, a sociedade academica, que era um crystal de arestas nitidas, começa a precipitar-se num corpo amorfo, deliquescente, cada vez mais absorvido pela burguezia, — que é o logar comum na sociedade.

Como tomado de surpresa pelo brusco repellido de progresso que sacode o meio brasileiro, ou melhor, o meio paulista, o estudante se vai deixando repellar, envolver, sufocar; — e o velho typo de academico, com vida, relações e sentimentos peculiares, que faziam delle um orgão vivo e diferenciado no arcabouço social, vai-se atenuando e desaparecendo.

A tão decantada solidariedade academica não passa de uma chapa oratoria — e das mais sordidas.

A obsessão de gritar e ameaçar solidariedade a todo o proposito (e as mais das vezes sem elle) fez passar para a categoria das curiosidades archeologicas essa outrora conhecida e temida e hoje ignota e escarnecida coisa.

Para o estudante, rodeado e aniquilado pela burguezia, é tão inutil, actualmente, agitar a solidariedade-palavra como para um bugre saudir, dentro de uma metropole distante dos seus matos bravios, o maracá de batalha.

O burguez ri, dentro da sua estupidez e das suas enxundias; apenas, si o ruido do maracá o encomoda, chama a policia; e o estudante, — bugre que a matta devastada do passado deixou indeciso e estarecido no presente, — deita a fugir, levando debaixo da capa a solidariedade, como um presunto roubado.

E' preciso sustar a decomposição. Na evolução das especies, sociaes ou organicas, a força, a tenacidade, a argucia, e em caso extremo a união, dicidem.

A união é a combinação de tudo isto: é uma força viva, resultante da tenaz concentração de energias dispersas, que o espirito arguto em lobrigar o perigo promove.

Nascida de aspirações solidarias, a Fanfarras, arvora a solidariedade academica em lemma de acção e em flamma de guerra.

Da evolução do nosso meio, é preciso que a Academia represente um factor distincto, cujos impulsos ou resistencias, resultem de ideias solidarias e cohesas.

Que a Academia é uma força, prova-o a recente campanha anti-intervencionista; o que é preciso é fazer desta força, que apenas se tem manifestado em momentos de crise aguda, uma acção permanente e, exigindo-o as circunstancias, uma reacção eficaz.

Não gritemos mais solidariedade; façamos solidariedade: solidariedade sem apparatus rethoricos, mas positiva, concreta, real.

Um ponto de reunião genuinamente academico é uma necessidade.

Passada a curta hora de aula, fóra da Academia e no meio da batalha social, precisamos ter um centro de convergencia, de onde opportunamente irrompa e abra caminho e desbarate a horda de ideias contrarias, a Ideia Academica.

Creado e fortalecido pelo convívio social o espirito de classe, a união nos momentos decisivos aparecerá fatalmente.

A Fanfarras, pois, levanta a ideia da fundação de um Club Academico, — Club á ingleza, com salas de palestra e de leitura, com bilhares e diversões, com todo o confort em summa, — onde a Academia encontre o seu ponto de reunião e de convivencia fóra da Escola.

Levantemos o espirito da classe. Unamo-nos.

E que a nossa união, feita de mutua estima e de interesses reciprocos, desperte em nós impetus irresistiveis para as supremas avancadas, e dê á phalange academica a inteiriça crystallização de um monolitho para a tensão muscular das resistencias supremas.



## A PAZ

Uma das faces grosseiramente egoisticas da nossa civilização moderna, é, sem receio de contestação alguma, a absorvente e estonteadora preocupação utilitarista. Esgotado o campo de sua acção interna com o estudo dos assumptos que interferem com os interesses vitales da propria conservação, as nações atiraram-se desabaladamente, com a voracidade das longas abstinencias, sobre a propriedade alheia, mal defendida pela incuria ou pela debilidade das chamadas raças fracas. Preunidades do «direito da força» bismarkiano, encorajados na connivencia dos interesses reciprocos garantidos, desembarcam na Africa e na Asia e a historia marcará por sempre o grande esbulho praticado em nome e pela politica colonial europeia.

Aiuda agora assistimos, espectadores mudos e indifferentes, a pilhagem atrevida da Tripolitania.

São os altos interesses da civilização, piedosos sentimentos de humanidade, que impellem essas levas e levas de soldados a se derramarem pelas escaldantes areias do norte africano... E' que aquellas regiões, comprimidas pela manopla musulmana, se conservavam arredias e afastadas do salutar movimento progressista dos povos superiores, desconhecendo os beneficios inestimaveis que elle proporciona...

Na esphera individual verifica-se a mesma gananciosa attitudé dominadora.

Banidos do coração humano os ultimos resquícios do sentimentalismo bom, do sentimentalismo são, para logo nelle se enthronizaram, absolutos e soberanos, os designios subalternos do poderio e do mando. A feição utilitarista dos nossos tempos, com a sua estreita e acanhada objectivação da vida, revela-se a cada passo no transmutamento vertiginoso dos nossos habitos e costumes.

Derrocam-se instituições, minam-se os alicerces de toda uma complicada organização social, e instáveis, infirmes e vacilantes, levantam-se novos outros, que não logram durar.

E' que a nossa é, caracteristicamente, uma época de transição.

A despeito, porém, de todos os tentamens conduzirem a um pessimismo fulminante, ainda pôde vir a dominar o sentimento suave e christianissimo do amor universal, estabelecendo-se um accordo completo e perfeito entre os homens no sentido de assegurar a paz sobre a terra, elemento fecundo, unico legitimo e necessario do desenvolvimento da humanidade.

Haja vista o recente discurso de Lloyd George, fervoroso voto em prol da limitação dos armamentos.

Utopia hoje, a federação mundial pôde vir a constituir-se, mercê, mesmo, talvez, do accentuado utilitarismo da organização social hodierna.

E se isso se der, quando dealbar o sol a radiosa claridade desse dia, terá a sua melhor glorificação essa importante figura de apostolo—William Stead, que tão prematuramente e de um modo tão tragico, desaparece da vida, sepultando-se nas agudas atlanticas, no temeroso tumulto cavado pelo «Titanic».

Pacificista convictamente dedicado, elle destacou-se proeminentemente na defesa desse nobilissimo ideal, não duvidando vibrar os mais duros golpes contra a

propria ambição britanica, escarpelando o seu imperialismo avassalador, com a intrepidez serena de um templario da verdadeira fé.

Igualmente justo para todos e como tal insuspeito de parcialidade, batendo-se pela sua causa com um raro denodo de paladino, elle cae no momento pre-

ciso em que sua acção se fazia mais necessaria. Sua memoria, porém, ha de ficar fulgurando, serenamente, como a de um missionario do bem, utopista talvez, mas nem por isso menos digno de respeito.

ODILON NOGUEIRA.

## BRINDE

Meu verso, — a taça bronzea em que a propria alma esculpo  
Em relevo, e onde está minha dor espumando —  
Ergo, por te saudar, sorrindo. E não me culpo  
De andar, por alegria, a minha dor mostrando.

Em cada rima, em cada estrophe, em cada canto,  
Ha um livor de tormenta e um vacuo de loucura;  
E no vacuo, a fulgir, uma gotta de pranto,  
Que eu mudo n'uma loira estrella, a rir na altura!

Já que me não é dado envolver o meu sonho  
No flavo plúm dos teus cabellos de messe,  
Ao pé do meu desejo essa esperança ponho,  
A ver si, de esperar, te cança e adormece...

Em vão. Porque o desejo é um doído. E' como o oceano:  
Quando desponta um luar de alva esperança, obnoxio,  
Elle, para esse luar distante e sobrehumano  
Atira-se, em marés tremendas de equinoxio.

Luar! Porei, entre mim e o teu clarão distante  
A lente da esperança, e ficarás mais perto,  
Porque a illusão da posse é uma palmeira ondeante,  
A assignalar um pouso ao fundo de um deserto.

E darei a esta roaz amargura um tom leve  
De descuido feliz em que o prazer desponte...  
— Que importa que esse goso apenas, como a neve,  
Occulte, sob o flor, a negrura de um monte?

Ergo, pois, o meu verso e te saúdo, ó Santa,  
Ó Luz, cujo clarão enraiza-me á pedra  
Da amargura, onde o meu triste ser se levanta  
Como uma saxifragia, — e na amargura medra!

Salve, ó tu, que de vinho a minha taça encheste!  
Bebo a ti! Bebo para olvidar os meus males!  
E para não sentir (louco!) a dor que me investe,  
Da minha propria dor vou exgottando o calix...

A. SARTI PRADO

## CHRONICA DE SAUDADE

(Publicamos abaixo, a titulo de curiosidade, uma interessante nota posta á margem de um caderno de apontamentos de Direito Civil, que ainda hoje anda pelo Mosteiro, de mão em mão, na qual vem primorosamente pintada a physionomia moral do ultimo director da Academia. Esse caderno pertenceu a um dos mais bellos talentos da valente geração de 1904 — o dr. Waldemar Ferreira, a quem tambem pertence a auctoría do fino trabalho literario que se vae ler).

Cinco anos, precisamente, apóz ao encerramento de folhas atraz. Levado por uma pontinha de saudade, ainda moça, posto que forte, sadia e provocadora, corro a vista por estas pajinas. Revejo, então, o meu passado, tão recente, num cair de noite provinciana, calida, abafada. Ha, na rua, canticos ás bocas vermelhas de meninas prometedoras. Escrevo, tendo na mente o verso de Henry Bataille:

Le passé c'est un second coeur que bat en nous...

Sinto, á verdade comovedora deste enunciado, bater, dentro de mim, paralelamente com o outro, esse coração regulador da vida espirital. E, a cada uma das suas pancadas ritmicas, alarga-se-me a vida, num dilatamento reconstrutor, tempo afóra. Estaco, de repente, assombrado.

Na retina inapagavel da memoria, vejo focalizar-se, revivendo, como se fóra numa fita cinematografica, a figura lejanaria do velho e imorredouro Mamede, cujo retrato fidelissimo, dezenhado a lapis pelo Theodorico, so-

bre o joelho, ás pressas, em aula, lá está, no seu viço característico de muniã, na primeira pajina.

Pouco a pouco, pacientemente, descubro-lhe os traços todos. A face enrugada e magra, adunco o nariz, a boca inexpressiva e desdentada, escondida sob uns bigodes tristes e pensativos, plantados á orla dos profundos sulcos, que lhe davam uns ares severos e rijos de velho bandeirante. Testa larga, que avançava pela cabeça acima, brilhante e luzidia. Coloquem-se num rosto assim uns olhos escuros, oculando uns olhos de zigueaes, amortecidos, e aí está, se tal cabeça se colocar sobre um corpo meão, quasi corcunda, o venerando professor de Direito Civil, que, por inepto para qualquer outro officio, como para o de que se trata, a benevolencia politica de José Bonifacio, o Moço, atirou para o alto da cathedra do glorioso cenobio franciscano da Paulicéa.

Lembro-me da vez primeira em que lhe assisti a aula. Era a de inauguração, o cavaco, como se diz na gíria academica.

A's oito da manhan, antes de bater o quarto, esperavamolo, como de costume, anciozos pelos discursos infalveis no cardapio das tradições academicas. A turma anterior far-lhe-ia uma demonstração de apreço. Batido o quarto, houve um reboliço pela sala comprida, cujas janelas baixas davam para o jardim descuidado: entrara o lente. A um movimento puzemo-nos de pé. Sou a estronzoza salva de palmas do protocollo. Acompanhava-o o quinto ano, em pezo. Uma invazão provocando um delirio. Vieira de Moraes, em nome da turma, começou de falar, fazendo um belo discurso, recheado de enternecedores adjetivos. Fez-se o silencio

em torno. As palavras vibrantes ecoavam pela sala. Agrupamos em torno da mesa tradicional do Mestre. O orador falava. O velho catedratico estava comovidissimo. Não pôde conter-se. Atirou a mão direita para a aba do seu fraque azul, ao ser-lhe oferecido um lindo tinteiro de prata, com uma pasta de escritorio, e puxou um grande lenço vermelho, de quinhentos reis de custo, para enxugar as lagrimas...

Tambem eu não pude conter-me: dezaneei a rir, tanto, que ao Lino aprouve sufocar-me com o lenço a imprudente gargalhada. E' que eu achava comico tudo aquilo, e supuz (ó perversidade a minha!) serem de crocodilo as lagrimas que corriam pela face enjelhada do venerando diretor da Academia. E daí a minutos, no entanto, tirava o Lino o lenço da minha boca, afim de que, em nome da turma, eu saudasse o nosso novo professor, como um dos padroes de orgulho do mosteiro de São Francisco! Não perdi tempo. Atirei-lhe, á queima roupa, um bestia, analogo ao ato. Respondendo, em breves palavras, encerrou o cavaco, dizendo muito esperar de nós. Saimos, pois, ás pressas, barulhentosamente, casquinando risos, pilheirando. Diziam-me os entendidos que eu estava com o ezame garantido.

Tento, então, fazer um capitulo de psicologia, descrevendo-lhe a aula. Ao contrario dos outros lentes, que só abriam as lições depois do quarto, o «catedratico da cadeira» ia para a sala, sózinho, antes dos academicos, e, durante o quarto, pachorrenha e silenciosamente, os esperava assinaarem o ponto. Mal o sino batia a badalada, elle fechava o livro do ponto, puxava-o para perto, e, tomando do Dicionario de Sinonimos, que, por costume, não abandonava, tirava a lista da chamada, e quizi que a colava aos olhos.

Era o momento solene e grave. Entre os moços, desde o banco da musica, muitos empalideciam. Outros, impacientes, punham-se á esouta, medrosos. Até que, emfim, gritava por um numero. O infeliz, que o tinha, resignado, dirijia-se para a meza do professor, sentando-se-lhe á frente. Começava a lição, que durava o tempo todo, e que era a repetição textual de capitulos do Conselheiro, de Bonjean, de Van Wetter, de Coelho da Rocha, de Lafayette, de Ortolan, de Maynz, de Aubri et Rau, de Merlin, de Ahrens, de Paula Baptista e outros. Murmurada, dita de cór, pagagalmente, maquinaalmente, ou entrecortada de perguntas e respostas, assumia as proporções de um ato de contrição. Quando a victima era dos decoradores, a lição corria sem incidentes. Mas quando era dos outros, havia intermitencias de discursos. E, si o moço emudecia, ouvia-se a voz cavernosa do lente interceder, de manso:

—Eu lhe auxilio, moço. O Conselheiro diz, precisamente, o seguinte: que...

—O que?  
Uma gargalhada reboante respondia da assistencia, da sombra: que tal era o nome da fileira de bancos do lado esquerdo, por elle dado, e isto por sofrer da vista esquerda.

Emquanto durava a lição, a sala parecia um mercado. Os que não fugiam pelas janelas, se dividiam em grupos, pelos bancos. Uns, liam jornaes; outros, faziam literatura, jogavam, fumavam, assobiavam. Uma verdadeira cena de opereta bufa. Só o banco da musica, silenciozo, grave, austero, apinhado, ficava á espreita, ouvidos atentos, engulindo, ás golladas, toda a ciencia emanada da dialogação, decorada, entre o colega e o mestre. Nem uma opinião moderna, nem um autor novo, ou um comentario recente. Para elle o direito não progredira. Galvanizara-se nas pajinas amarelas dos seus autores favoritos, e isso mesmo nas primeiras edições, saídas do prelo ha uns quarenta anos. O «Conselheiro» (Ribas) era o ultimo degrau da culminancia juridica.

Dar um passo além seria pizar as raias do pedantismo. Mas nem só em direito era assim. A sua vida era a mesma de cincoenta anos antes. Mesmissima a sua caza, os seus costumes,

1) N. da R.—Na aula do dr. Mamede não se fazia chamada: os estudantes assignavam o ponto.

o seu caminhar para a Academia. Corpo e alma justaram-se numa anquiloze longuíssima. Preço em tal espartilho, estagnou-se-lhe o espirito, obcecando-se. Transformou-se numa mumia animada. Desta sorte, enrijou-se-lhe o caráter. Benevolencia, bondade, generosidade, foram atributos egóticos, que nele não encontravam guarida. Acrescente-se a isso a falta de energia, de altivez, de confiança em si mesmo, e ver-se-á, para logo, que comicas eram as aulas de Direito Civil no ninho das Aguias.

Nunca me esquecerei delas, por sinal. Offenbach não encontraria melhor urdidura para as suas operetas, tanto a pilheria e a galhofa tinham curso. Deliciosos tres quartos de hora! Foram dos mais alegres que eu tive no meu tirocinio academico, mesmo sem descontar o instante classico, que nos fazia tremer, da escolha do que deveria dar a lição, logo após a batida do quarto.

Dulcíssima recordação, essa que agora me emociona o espirito, numa calada noite provinciana. Escrevo. Resurjo. A saudade, disse-o Alberto de Oliveira, é uma resurreição. Agrada-me ao espirito recordar a época mais feliz da minha vida. Estudante, eu o fui em toda a extensão da palavra. Em plena vida pratica, ainda não consegui perder a crosta de alegria que me envolveu a alma de boemio. Ainda sou o mesmo.

Si mudar, no entanto, garanto-lhes que não serei eu o culpado. Póde ser que me deixe vencer pelo tempo e pela vida, na luta por ella, mas não declinarei, um instante, sequer, das boas idéas, bebidas na fonte puríssima do velho cenobio franciscano. Com ellas é que pretendo vencer; na hipotese contraria, também estarei com ellas.

E ponho um ponto a estas recordações gratíssimas.

WALDEMAR FERREIRA.

## Commentarios

### Febre de apothoses

Decididamente este mez de maio é o mez das manifestações.

Ainda não está terminada a sua primeira quinzena e já por duas vezes a Academia engalanou-se de flores e alegrou-se com musicas, palmas e aclamações para receber em triumpho dois patricios nossos, ambos igualmente illustres, ambos igualmente dignos de todos os applausos, posto que se notabilizassem em espheras diferentes.

Um foi Edú Chaves, o glorioso «bandeirante do ar», cujo feito audacioso voando como uma aguiá de S. Paulo ao Rio, encheu-nos de assombro e de legitimo orgulho; o outro foi um secretario de Estado, que saiu do poder deixando realizada uma obra admiravel, de energia, de patriotismo e de grande alcance social.

Houve discursos, vivas, hymnos, passeatas, brindes, *lunchs*, *champagne* — o diabo a quatro, tudo em profusão.

Tanta coisa reunida e, ainda mais, repetida, devia ter cansado. Pois não cansou. Muito pelo contrario, excitou os nervos academicos, que agora reclinam, impacientemente, com um furor nunca visto, mais heróes para consagrar, mais apothoses, mais discursos, mais vivas, mais hymnos, mais brindes, mais passeatas, mais *lunchs* e mais *champagne*. Sobretudo mais *lunchs* e mais *champagne*...

É uma verdadeira febre de glorificações. Uma epidemia que ameaça dominar-nos e assume as proporções de um verdadeiro perigo. Perigo, porque dirigindo-se essas repetidas manifestações de preferença nestes ultimos tempos a politicos luminosos (a ultima foi ao dr. Washington Luis e já se projecta outra ao dr. Olavo Egydio) acabarão por fazer a Academia descer no conceito publico, que, embora injustamente, passará a enxergar nas consagrações academicas meros pretextos de bajulação.

Se é innegavel que a Academia jamais glorificou ou pensou em glorificar sem inteira justiça, é também certo que muita gente que bem o merecia, deixou de receber tal prova do nosso apreço. De modo que o facto de as ultimas manifestações se dirigirem a homens poderosos, de grande influencia politica, póde fazer parecer a quem não conhece no fundo a moedade academica, que ella não fez apenas justiça ao merito, mas também adidou potentados...

É já que agora se trata de prestar uma alta homenagem a um membro do passado governo paulista, o sr. dr. Olavo Egydio — isto poucos dias depois de prestada identica homenagem a um outro membro do mesmo governo — notemos que não foram essas duas figuras, as unicas que pelos seus serviços, prestados durante o quadriennio passado, se tornaram dignas da estima publica. Os demais membros da administração Lins também realizaram, nas pastas de que foram gestores, progressos não menos relevantes que os executados nas pastas da justiça e das finanças. Carlos Guimarães, o continuador da obra de Cesario Motta, a quem tanto devemos o desenvolvimento dos nossos serviços de instrução publica e de hygiene, é acaso menos digno da nossa estima que os seus dois companheiros de governo, alvos da sympathia academica? Padua Salles, que reorganizou a pasta da agricultura, desenvolvendo em nosso Estado, entre outros serviços, o da instrução agricola. Também não merece os nossos applausos? Albuquerque Lins, cuja acção benefica não só se fez sentir na politica e na administração do

Estado, mas também soube se impôr e reflectir na suprema direcção da Republica; Albuquerque Lins nada merece de nós?

Porque então procedemos com tanta injustiça, reservando apenas para alguns os applausos que todos merecem como colaboradores da mesma obra? Seguir-se-á então que devamos acrescentar ás manifestações já realizadas e em perspectiva, mais algumas manifestações?

Mas não são apenas os homens da ultima administração paulista que merecem a nossa estima. E se de cada vez que um politico desempenhasse com brilho uma missão importante, fossemos enfeitar de flores a Academia, chamar uma banda de musica, declamar trinta discursos, bater palmas e berrar vivas — cairiamos no mais lamentavel ridiculo. Passariam a denominar a tão gloriosa Academia de Direito de S. Paulo, de — academia de manifestações a todo o proposito.

E as nossas consagrações ficariam tão baratas que os proprios manifestados não lhes ligariam nenhum apreço, tomando-as como simples pretextos para bajulações indecorosas e comes e bebes divertidos...

## Herma Bohemia

*Eil-o, o blóco granítico fallando,  
Na nuéza sensual dos labios mornos,  
Olhando para a vida e acenando  
D'um collo esbelto os subitís contornos.*

*E no silencio profundo dominando,  
Entre braços febris, ricos de adornos,  
Sonha, e o vinho da taça derramando,  
Cacha, rebrilha do pedestal nos tornos.*

*E assim ao contempla-o a grey plebea  
Vé o filho mendigo sem nação,  
E contempla-o nos braços de Pompeia!*

*Emquanto elle recita uma canção,  
E põe neste conjunto uma epopeia,  
E põe neste granito um coração!*

FRANCISCO ARANTES JUNQUEIRA

## A utilidade dos tolos

O meu amigo Rolando, infallivel frequentador do Guarany como todo o bohemio que se preza, é um philosopho moderno, individualista, filiado á escola de Nietzsche.

Como eu estivesse a *quo* naquelle dia e o Arruda tivesse feito, na vespera, a tenebrosa ameaça de me chamar á lição, resolvi gazear honestamente a aula.

Charuto no canto da bocca — um soberbo charuto filado ao Benjamin, o Goyano — fazia o meu triangulo á procura de uma cara conhecida, quando de subito surgiu-me pela frente o Rolando. Vocês sabem que o Rolando não perde occasião para expôr as suas theorias. Logo que me viu ergueu os braços e exclamou:

— Salvé! Emfim encontro quem me entenda!

E, pouco depois, diante de uma mesa redonda, no Guarany, entre duas fumagas, o Rolando começou:

— Homem, você já leu o *Crepusculo dos Idolos*? Ha lá uma pagina soberba! E' quando o diamante esgarnece o carvão, que por ser molle é quebradicho, suja o que toca e tem um valor insignificante, enquanto que elle, o diamante, que nada mais é que o carvão endurecido, vale muito mais, brilha e resiste ao martello na bigorna. Que lição de mestre, meu caro! O homem que não conseguiu endurecer-se é como o carvão; o homem endurecido é como o diamante. Ora, você vé aqui, ao redor de nós, por estas mesas, esta multidão de individuos de todas as especies? Lembra-se que, segundo o Marquez de Maricá, cada um delles para viver um dia precisa lograr pelo menos nove tolos... Agora tire as conclusões.

Eu não podia concluir. As idéas do Rolando pareciam-me estapafurdias. Elle porem accudiu, quasi irritado:

— Diabo! você parece que não estudou logica! As conclusões, meu caro, são geniaes. Se para um homem intelligente viver um dia precisa lograr pelo menos nove tolos, segue-se que sendo os primeiros os mais preciosos, os segundos são eminentemente uteis. A utilidade dos tolos é a de constituírem a materia prima do logro, instituição que assegura a existencia dos outros. Logo, quem não pratica o logro é deshumano e, portanto, immoral, pois nega aos tolos a sua unica utilidade. Ora, um homem cheio de sentimentalismos e de preconceitos não póde praticar o logro. Portanto, para atingir-se a perfeição humana é necessario endurecer-se. Donde se conclue que um homem endurecido, alem de ser o ideal do egoismo, é o ideal da philanthropia... Genial, não acha?

Concordei, sorrindo. Elle accendeu um cigarro e proseguiu:

— Diante desta theoria a que ficaria reduzidos todos os sistemas de moral? A zero. Reconhecida a utilidade dos tolos e proclamada a moralidade do logro, todo o edificio antigo ruiria... Agora vou fundamentar a theoria do egoismo — e você verá o que é ter genio. Começo por affirmar que, assim como no mundo moral todo o phenomeno é determinado pela força do egoismo. Vae um homem pela rua e, deparando num portal de igreja um pobre velho maltrapilho, sente-se condoído do infeliz e dá-lhe uns nickeis, Você o chama de philantropo e louva o seu desprendimento por elle se ter despojado voluntariamente de uma propriedade sua em beneficio do proximo. Eu affirmo, pelo contrario, que elle é um egoista, porque se levou a mão ao bolso e deu a esmola, foi para sentir a satisfação intima de ter comettido uma boa acção... Comprou um prazer, da mesma maneira que nós quando entramos num bar para tomar um chop... Não houve desprendimento algum no seu acto: muito pelo contrario foi o seu egoismo a causa da acção piedosa. Você agora generalize a explicação a todos os actos humanos e verá que a minha theoria é verdadeira.

— Mas é absurdo! Pela sua theoria um homem que se atira deante de um comboio em disparada para salvar uma creança, arriscando a perder a sua propria vida, é também impellido pelo egoismo...?

— Perfeitamente. Obedece a um impulso do seu egoismo, satisfazendo uma necessidade psychica. Vae á procura do prazer que lhe produzirá a consciencia de ter comettido um acto de heroismo. Age como um clyptomaniaco que rouba porque não póde deixar de roubar...

— De modo que é também um doente, um individuo anormal?

— Qual anormal! Questão de gosto. Assim como ha gente que gosta de cognac e gente que não gosta de cognac, também ha gente que gosta e gente que não gosta de arriscar a vida pelos outros... Simples questão de gosto. Você póde generalizar também esta explicação...

— Mas é assombroso! Pois então um pobre diabo, velho e doente, que faz todos os sacrificios, trabalhando como um burro, para sustentar a sua familia, trabalha por gosto, por simples prazer?

— Homem, você já leu Raul Pompéia? Na incomparavel conferencia, que o dr. Claudio realizou no Atheneu, ha uma concepção prodigiosa da vida: «o esforço da vida humana, desde o vagido do berço até o movimento do enfermo, no leito de agonia, buscando uma posição mais commoda para morrer, é a selecção do agradável.» Eis ahi, meu caro, revelada nestas palavras, a razão de ser, a causa determinante de tudo que o homem faz: arte, sciencia, moral, religião, direito, sociedade, costumes.

Toda a acção de um homem só tende, em ultima analyse, para um fim unico: augmentar a sua commodidade, saciar a sua sede de agradável. Diga-me agora o que seria mais agradável ao homem que você deu como exemplo: vé morrer á fome, amaldiçoando-o, a familia que elle idolatrava, ou trabalhar para mantel-a? Desde que trabalhava é porque preferia o segundo caso. Isto é logico. Foi questão de gosto, pois poderia ter preferido o primeiro caso. Você póde dizer que o gosto depende do caráter, da educação, da cultura: concordo, mas o facto é que é uma manifestação do gosto — sede de certo agradável — que determina cada acção humana. Sem prazer e sem dor a lei do minimo esforço produziria a suppressão completa de todos os actos humanos. Eis a minha theoria do egoismo.

— Não é genial?

— Mas que ligação tem tudo isso com a sua theoria do logro?

— Eu explico. Admittido que o prazer é o móvel de todas as acções humanas e, sendo certo que o gosto varia de individuo a individuo, podendo ser modificado por diversos factores, segue-se que é possivel educar-o neste ou naquelle sentido, de modo a produzir individuos capazes de commetter estas ou aquellas acções. De modo que o homem superior, que comprehende o valor moral e pratico do logro, fará obra util educando o seu gosto, de maneira a achar prazer em logros os outros... Dessa educação resultará uma grande vantagem, tanto para si como para os tolos, pois, como já disse, lograr os tolos é reconhecer a sua utilidade e deixar de logral-os, uma falta de amor ao proximo, pois equivale a consideral-os inu-

teis e, portanto, despreziveis... Ora, segundo o Marquez de Maricá, ha nove tolos em dez individuos. Logo, quem ama os tolos a meu modo é um benefeitor da humanidade...

A philosophia do Rolando era divertida, sem duvida. Mas fazia um calor asphyxiante e como eu não acho agradável calor com philosophia, resolvi deixar o Rolando com as suas theorias e tomar um bonde da Avenida para respirar um pouco de ar fresco...

C. R.

## QUERIDA

Bem sei que a mentirosa cortezia que se encobre com a capa de decencia num baile assim só nos permitiria um pomposo e formal Vossa Excellencia.

Em todo o caso se toleraria a Senhora... Dahi fóra imprudencia descer no tratamento, pois seria attrahir os reparos da assistencia.

Nessas praxes, porem, bem transparece a hypocrisia humana, pois, tivesse algum o dom de ler na alma escondida,

e veria que aquelle tratamento frio e cortez é apenas fingimento e que eu só sei chamar-te de querida...

Querida, sim... Querida e assim defino melhor o que tu és do que chamando pelo teu proprio nome pequenino cujas syllabas vivo soletando.

Querida, sim, querida... O meu destino fez-me um dia te ver e desde quando vi o teu doce rosto venusino eu vivo a te querer, sempre pensando...

Querida, porque todo o meu desejo és tu e eu sinto, embora padecendo, que sou muito feliz porque te vejo...

Querida, porque levo a minha vida na magua de te andar sempre querendo e na ventura de te ver querida...

S. Paulo 1911.

JOSÉ DE MESQUITA

## Flocos de espuma

O tremendo Clovis, de bengalão alçado e olho minaz, exige de mim uma chronica.

O dilemma é terrivel: — ou dar uma chronica, ou receber umas pauladas.

Apressadamente pois, começo a enrolar-me nesta chronica, como num zaimph protector, que me torna intangivel; e si os periodos se baralham atropelados e confusos, num tumultuoso trapejar de manto revolto, — é que sinto projectar-se-me ás costas a sombra imperativa da bengala e deito a fugir, laudas abaixo, na ancia de escapulir-me.

Esta bengala (singular batuta com que o Clovis rege *A Fanfarra*) merece bem umas tiras.

Dizem sebaceos compendios que o estylo é o homem; mais precisamente, seria o reflexo do estado psychico de quem escreve.

Um homem póde escrever em estylos varios.

Eu não admitto, por exemplo, que o meu estylo seja o mesmo quando escrevo um conto literario e quando, como diria o Dr. Silvio de Almeida, tracejo estas regras: — aquelle é uma espiral de sonho enevoando e embellezando um facto; este — um gesto de protecção instinctivo, aparando pauladas. E' isto: estou escrevendo por instincto de defesa.

Esta bengala inculca mais pavor á literatura academica, morta por gozar em paz a sua inacção, que o nariz de Cyrano á chocalhice futilmente brilhante do preciosismo loquaz, — morta por manifestar-se.

Apenas, aquelle nariz e esta bengala exercem acções radicalmente diversas: aquelle, prohibia á gente que tivesse espirito; esta, atropela por uma columna de jornal a fora, obrigando-o a exhibir-se numa corrida á sustancia, o nosso espirito miserrimo.

Na esphera dos effeitos, pois, a bengala é a antipoda do nariz.

Vae um homem, muito socegado da sua vida, a sahir da aula e a pensar nas delicias de um almoço, muito mais digerivel, por certo, que as petreas e macissas verdades que acaba de ouvir, quando...

Tenho suores frios ao lembrar-me! Quando em frente, estacado e hirto, um vulto pergunta soturnamente:

— «Ja fez a chronica?»

O momento é horroroso.

Do alto do vulto, magrissimo e esguio, o vozeirão enorme e claro rompe, como um ferro de lança largo e espe-lhante do alto de uma haste.

— «Ah, sim... a chronica? Não... Você sabe... Ando burro como o diabo, não ha assumpto...

E' um não acabar de excusas.

Pausadamente, o vulto avança um braço: —

— «Está vendo isto?»

A gente está vendo. São dois vultos agora: um homem e uma bengala.

Ambos tão finos, tão lineares, que fica-se sem saber si, no espaço, a bengala é a projecção do homem, ou o homem a projecção da bengala.

Ambos tão eloquentes — da eloquencia aterradora da bengala — que é como si o homem fosse a lingua e a bengala a palavra!

— Está vendo isto? Pois si você não trouxer amanhã a chronica...

Em reticencias termina o discurso do homem, que a bengala, descendo sobre uma parede, uma meza, um batente de porta, fecha estrondosamente, com um ponto final que já é uma contusão.

E assim, chronicas, artigos, sonetos, criticas, contos, tudo, tudo, é feito sob o oppressivo pavor de contusões em perspectiva!

\*\*

Porque o Clovis, — a pessoa menos capaz de vibrar bengaladas que eu co-nheço, agita a bengala com tal decisa-ção no gesto e tal fusilamento nos olhos, que a gente fica suspencionada e vae para casa cheia de aprehensões tenebrosas.

E a ideia perra, e as tiras brancas como longos desertos, com um ou dois magros periodos figurando de oasis!

Nos desertos de verdade, achar um oasis é a suprema ventura; no deserto das tiras — a suprema agonia.

E o horror desta agonia augmenta si, como as botas do typographo na antesala do Eça, range-nos sem parar, para lá e para cá no cerebro, o peso do passo de um bengalão indo e vindo...

Eça, desesperado, agarrou a penna e deu uma tunda no Bey de Tunis.

Eu, apressadamente, armei a penna em alvião e cavei como póde esta estrada circular á roda de uma bengala, — estrada por onde os periodos vieram rolando como num circulo vicioso, á roda de uma ideia fixa.

Tamanha influencia exerceu a bengala de Balzac, que mereceu um livro, «La Canne de M. de Balzac», escripto — delicia extraordinaria, mas posthuma, — por uma mulher.

Quem escreverá um dia «A Bengala do Clovis?»

Ella merece bem uma consagração.

A. SARTI PRADO.

## RABISCANDO

Ha certas coisas, nessa precipitação tão encantadora dos acontecimentos, capazes de transformar um carrancudo determinista no mais fervoroso crente desse fatalismo tão acreditado das cosinheiras. Assim foi commigo, depois que o José dos Baldos, arregalando os grandes olhos d'elle, uma noite nos Castelloes, guistou aquelle euphemismo negativo da historia duma boa parte de sua vida, desenhando os factos com toda a desenvoltura de optimo burguez do Matto de Dentro.

Depois que elle terminara o curso preliminar numa casa de ensino, onde, religiosamente, por simples abnegação, accumulando dois cargos, o delegado Calixto fazia de mestre-escola, o pae, num estado de aspiração latente, declarou que seu unico desejo era ver o Zé doutor, fôsse lá no que fôsse. Mas o nosso homem é que não estava para essas coisas e sacudindo os hombros num esmorecimento de preguiça, suspirava tristemente:

— estou velho, muito velho, para isso.

E era verdade, porque esse tempo, em que se sente «n'alma uma crença e nos labios uma harmonia», essa época, em que tudo são flores e alegrias, dizia adeus ao Zé. D. Bermudes, a mãe do meu conhecimento, porém, não se deixava levar por raciocinios archaicos e depois de citar varios nomes de cidadãos que só conseguiram um pergaminho com mais de oito lustres no lombo, sem no entanto convencer o filho, tomando os ares duma senhora de Thé-

bes, prophetisara no meio do maior silencio, com a seriedade glacial desses lanes:

— pois ainda has de ser doutor!  
Passavam-se os annos e era o proprio tempo, que sem um dedo de educaçao, começava a desmentir descaradamente a respeitavel matrona, quando, de repente, uma noticia sensacional chegava até lá no Matto de Dentro, dando conta que o homem chamado Riva-davia, que era ministro, havia acabado com essa raça idiopathicamente maldita dos doutores.

Uns sincera, outros hypocritamente, a verdade é que toda a familia dos Baldos lacrimejara, ao ver pela impossibilidade do anathema positivista, desfeito um sonho tanto tempo encastellado.

E o Zé dos Baldos era simplesmente indicado como o provavel substituto do Calixto.

E neste estado de coisas, duma apathia desconsoladora, labutava o nosso adeantado Matto de Dentro, quando um bello dia, de céu azul, em seu laconismo irritante, um telegramma levava aos povos, juntamente com a noticia da fundação duma Universidade em São Paulo, a communicacão de que o pae do Zé dos Baldos, o prefeito municipal, por um motivo qualquer desconhecido d'elle, era lente honorario da mesma escola.

Voltaram, então, os sorrisos a tremer os labios do anciao, as alegrias a illuminar a alma de D. Bermudes e um pedaço de esperanca a encher o coração do futuro doutor.

Aquella conjugação de ideias e vontades da familia dos Baldos, a constituir uma força, uma magnifica força, de aspirar collectivo, fôra coroada pelo mais brilhante dos exitos, com a vinda do Zé para ser doutor em qualquer coisa, pela Universidade.

Parou um instante para descansar as guelhas, e, fixando em mim, já embacado e convertido, um olhar paradamente caprino, gritou para o garçon: — wixen cocktail!

Oh! hierophantes, que habitaes esta planície de tristezas, como vos acreditado agora!!!

S. Paulo, 20 de Abril de 1912.

GIL AZUL.

Brazil, Fontoura Xavier e muitos outros, sem contar Machado de Assis e Filinto de Almeida, que também mandavam, do Rio, a sua colaboração. Pouco antes de expirar A Comedia foi Silva Jardim substituido na redacção por Eduardo Prado.

Do que foi essa interessante folha — organ de uma robusta geração, que inaugurou na academia uma grande época de gloria, — daremos uma idéa, transcrevendo alguma cousa do primeiro e alguma cousa do ultimo numero. Eis o artigo de apresentação:

Todos nós temos lido os bons romances burguezes, em que o enredo é a vida, a alma da historia.

Não gostamos então que venha o visinho impertinente, alardeando erudição de Ponson e de Dumas, dizer-nos se o cavalleiro Armando deu ou não a estocada promettida no donzel Y, ou se raptou D. Leonora Sanches.

Assim acontece com A Comedia. Está aberta a scena: as luzes esclarecem o salão, e quer talvez o leitor aprecial-a, apalpal-a, estudal-a e — pretensão de auctor! — admiral-a.

Contar-lhe a historia futura, o programma, o itinerario, o enredo, é vulgarizal-a, achatal-a, diminuil-a. Nunca!

Não temos programma, temos actores: o publico e nós. O mundo de todos é o nosso mundo. Como toda a comedia acaba em casamento, esperamos que pela lei dos absurdos inevitaveis, nesta não se dê o contrario; antes comecemos, nós e o publico, amando-nos, gostando-nos, a 40 reis por entrevista, e enlacemo-nos numa união productiva, financeira, monetaria.

Subiu o panno; venha da platéa o applauso ou a pateada: nunca o publico o faça, porem, á moda dos chins, isto é: nunca nos volte as costas.

Agora a apresentação em verso:

Anciosa, alegre, cheia  
A platéa,  
Ao apito soberano  
Sobe o panno!

E a comedia da Alegria  
Principia,  
Destumbrando de repente  
Toda a gente.

Sois vós mesmos os actores,  
Meus senhores,  
E é palco enorme, profundo,  
Este mundo.

A morte, ingenua caida  
A embrulhada  
Desenreda e, á luz da rampa,  
Abre a campá.

A' scena, burguez ricoço  
De cachão!  
Airosa, gentil morena  
Eia á scena!

Dansem, sob e sobre flores  
Os amores!  
D. Quixote, Sancho Pansa  
Sus! á dansa!

Vem, ó Musa abençoada  
Da Risada!  
Canta, canta, canta, canta  
Pinta a manta!

Vem, consciencia dos edis,  
Vem e diz  
Se não merece piedade  
A cidade!

Vinde todos, vinde todos,  
Como doudos  
Dar bons dias á COMEDIA  
Fresca e nédua!

Tem sorrisos, tem pilherias  
Muito serias!  
Apenas não tem bastantes  
Assignantes...

O ultimo numero appareceu largamente tarjado de negro, vindo o artigo de fundo precedido de um emblema funebre: uma eça com tocheiros, sendo os artigos espaçados por lagrimas... de tinta preta.

Esse numero, escandalosamente mortuario, foi collaborado por Fontoura Xavier, Raul Pompéia, Raymundo Correia, Augusto de Lima e Luiz Murat, alem de Eduardo Prado e Valentim Magalhães, proprietarios inconsolaveis.

Foi escripto por aquelle o seguinte artigo de fundo:

Nós hoje fallecemos.  
Ao darmos esta noticia aos nossos leitores pedimos-lhes desculpas por esta falta involuntaria.

Não dizemos que o paiz se cobre de lucto, nem tão pouco que nas fileiras da imprensa abre-se um claro que difficilmente será preenchido.

Nada disso. Morremos sem mais cerimonia. Já na outra vida traçamos este artigo de fundo, que é mesmo do fundo da sepultura. Faltariamos porem á mais comensinha delicadeza para com a memoria dos illustres finados, se não lhes traçassemos um sentido necrológico.

Uhm! Uhm!  
Nós nos curvamos compungidos em frente do nosso tumulo, e, si não estivéssemos mettidos dentro d'elle, deporiamos um osculo sobre a lapide fria que cobre os nossos restos.

Nós vivemos, escrevemos e morremos.  
Viver! escrever! morrer! talvez seja tolo!

Um de nós foi poeta; o outro, cousa nenhuma. Immensa superioridade!

A sorte porem igualou-nos dotando ambos com um myopia digna de menção.

Quem é myope vê pouco. Foi porisso que não vimos a minima necessidade de dizer adeus aos nossos leitores.

Abstemo-nos deste adeus porque, de sentimento, seriamos capazes de morrer outra vez, contrariando o principio de *Nos bis in idem*.

Depois o leitor deve estar numa posição difficil e incommoda, no terreno das supposições e da curiosidade.

Um pé aqui, outro acolá, um para cá e outro mais longe.

Mas é inutil a gymnastica de seu espirito de leitor para descobrir a causa da nossa morte.

Esta causa é a seguinte: — Falta de vida.  
Que diz, senhor leitor?  
Confesse que sósinho não atinava...

Não foi somente neste artigo que o publico paulistano foi chamado tolo. Seguiu-se-lhe outro, dedicado *Ao Respeitavel Publico*, no qual A Comedia declarava que, estando á beira do tumulo e não precisando mais de leitores, ia dizer-lhe francamente, para desafogo de sua consciencia, quanto o achava ridiculo e digno de pena. Imaginem os leitores o resto do artigo.

Na impossibilidade de o transcrever bem como aos muitos outros escriptos *funebres*, em que era chorado o prematuro passamento d'A Comedia, rematamos esta noticia reproduzindo abaixo as duas lindissimas poesias que se seguem. A primeira é de Raymundo Corrêa e a segunda de Valentim Magalhães. Eil-as:

Morre porque não pagam-te (que espiga)  
Os que de riso tu morrer fizeste!  
Mas olha, amiga: si a sorrir nasceste,  
Morre a sorrir como nasceste, amiga!

Se ninguém na agonia te socorre,  
Morre como Aretino: ás gargalhadas!  
Morre pandega, calma, alegre! Morre  
Rindo, rindo ás bandeiras despregadas!

Morre soltando uma risada immensa  
Entre a vida e o morrer, jornal jocundo!  
De menos um jornal que importa á Imprensa?  
Que haya un cadaver más que importa al mundo?

Agora o de Valentim Magalhães, o pae inconsolavel d'A Comedia:

Morre, filha, e ao descer á terra ingrata  
Entre a vida e o morrer, jornal jocundo!  
Causas um grande abalo á pansa dos burguezes.  
Diz um, irado: «Eu que assignei por seis mezes! a COMEDIA [rendia...]

Que assignou sem pagar o burguez esquece!  
E hoje que o mundo vil retira-se da scena,  
E a dourada alegria em teu labio emudece,  
E' que elle diz: «Tão bella e tão boa! Que pena!»

Foste travessa, alegre e rispida tambem;  
Mas foste sempre justa, independente e honrada,  
Como quem sonha e ri, mas não o deve a ninguém!  
Morre como a bohemia aos clarões da alvorada:  
Guitarra ao peito, a fronte enfeitada de flores,  
Rindo á Morte, ao Destino, ao Throno, aos devedores!

Memorial, petição, requerimento,

ou que melhor nome haja, manda-

do fazer e entregar ao Exmo. Snr.

Dr. Almeida Nogueira pelos alu-

nos da segunda serie academica.

MESTRE!

Deveis saber que existe, a um canto da Academia, num porão escuro, a que dá um ar de crypta ou campo-santo, uma funebre pilha de caixões. O local é sinistro. O velho muro não tem ogiva gothica, ou setteira Romantica, por onde, aos borbotões, Chore o luar sobre a impalpavel poeira dos miserios defunctos. Que dormem todos juntos Empilhados como ostras, comprimidos Entre as folhas de uns poucos de volumes. — Flores seccas lembrando os tempos idos!

Essas almas floras, que assim estão Ao descaso, têm limpidos perfumes Que deviam andar em plena festa Do ar e do azul. — Basta tomar á mão Um destes livros, basta descerral-o, Que o passado academico se agita E ao presente brumoso o brilho empresta E ergue-se em peso, e ri-se, e vem saudal-o! A alma da bohemia heroica resuscita E canta! E ruia no ar a aza sonora Da gloria que passou! Na poeira adusta Das Tradições grita, gargalha e chora A mocidade intemerata e augusta Cujas Reminiscencias vós salvastes Do olvido! Existe alli Muita licção heroica de estoicismo Que vós, Mestre, implacavel encerrastes Na masmorra fatal que descrevi E que...

— Basta porem de sentimentalismo. Não achaes justo, Mestre, não achaes Logico e natural que a mocidade leia Hoje o que a mocidade de hontem fez, e mais Que, lendo, saiba que é como uma obreia Negra sobre o passado heroico este presente Sem estos, sem vigor e sem iniciativa?...

Cremos que concordaes e, si assim é, pedimos Que mandeis distribuir a cada um de nós Um exemplar do livro em que fulge e deriva Como uma proclissão de despojos opimos O cortejo triumphal de glorias que, sem vós, Se havia de perder como um barco sem remos.

Nós nos compromettemos A guardar muito bem em nossas casas As Tradições, que estão tão mal guardadas

Em logar tão improprio, onde nem concebemos

Que da Reminiscencia ousem ruflar as azas!  
Com boas gargalhadas Na convivencia alegre e espirituosa Da bohemia antiga, estoicos sofreremos As durezas desta epoca ominosa; Com ella aprenderemos Como se almoça aurora, Se janta poente rubro e cela-se luar: — E isso tudo faremos Antes mil vezes que levar ao Cebo, em hora De angustia algebéiral, o livro em que, sonora, Da velha mocidade a alma fazeis vibrar!

PRAZER DA DOR

Doce e nobre paixão alimentada N'alma, que assim revive embevecida Sem nada esperar nunca, em toda vida Mais que a velha esperanca abandonada...

Porem lhe apraz viver assim maguada: Magua, que ha de levar-a de vencida, Que não se extingue... é apenas constrangida A viver, sempre occulta e disfarçada.

Bem que não é só bem, sem o convívio Da dor, que sempre espera o grande allivio De encontrar no soffrer talvez encanto...

E' um bem que vive sempre annuevado; Mal extranho que é bom soffrer calado E que de o soffrer, gosa-se no emtanto...

JOSÉ FERRAZ MOTTA

LIVROS DE ACADEMICOS

Está publicado o livro de estréa do academico Nardy Filho. Intitulada-se *Rabiscos Academicos* e é uma collecção de chronicas publicadas em épocas diferentes na imprensa de S. Paulo.

Annuncia-se tambem para breve o apparecimento de um novo livro de versos de Ricardo Gonçalves. Esperamol-o anciosamente.

IMPRENSA ACADEMICA

Durante as ferias passadas os academicos José Ferraz Motta, João R. de Moraes e Melchior Carneiro de Mendonça publicaram nesta capital um vibrante semanario intitulado *A Reacção*, que se bateu valentemente contra o regimen das intervenções militares, que ameaçava subverter a ordem constitucional da Republica. Removido o perigo, *A Reacção* deu por finda a sua missão, após uma serie de numeros brilhantes.

— Por todo este mez apparecerá na Academia, sob a direcção do segundannista José de Carvalho Martins, uma folha de combate, antikerical e anarchista, intitulada *O Petardo*.

— Brevemente tambem será publicado o primeiro numero de uma linda revista literaria, editada pelos nossos queridos companheiros Jayme Ballão Junior e Benjamin Vieira.

— Brevemente tambem será publicado o primeiro numero de uma linda revista literaria, editada pelos nossos queridos companheiros Jayme Ballão Junior e Benjamin Vieira.

— Brevemente tambem será publicado o primeiro numero de uma linda revista literaria, editada pelos nossos queridos companheiros Jayme Ballão Junior e Benjamin Vieira.

— Brevemente tambem será publicado o primeiro numero de uma linda revista literaria, editada pelos nossos queridos companheiros Jayme Ballão Junior e Benjamin Vieira.

— Brevemente tambem será publicado o primeiro numero de uma linda revista literaria, editada pelos nossos queridos companheiros Jayme Ballão Junior e Benjamin Vieira.

— Brevemente tambem será publicado o primeiro numero de uma linda revista literaria, editada pelos nossos queridos companheiros Jayme Ballão Junior e Benjamin Vieira.

FOCAL-WEISS Rua S. João-280—S. PAULO

## A Academia de outr' ora

I

A Comedia

Inauguramos hoje esta secção, onde, em cada numero, será narrado um episodio notavel ou interessante da vida academica d'antanho, dando uma breve noticia de um jornal diario academico (diario!) temporariamente fundado em 1881 por Valentim Magalhães e Silva Jardim, que então estudavam Direito em S. Paulo.

Intitulava-se *A Comedia* e durou de 2 de março a 22 de maio de 1881, sendo assiduamente collaborada pelos então academicos Raul Pompéia, Raymundo Corrêa, Eduardo Prado, Affonso Celso, Assis

# FRANCISCO ALVES & COMP. Rua de S. Bento, 65-S. PAULO

Livreiros, editores e importadores (casas em Rio de Janeiro, Bello Horizonte, Paris e Lisboa)

Grande sortimento de livros de direito nacionaes, portuguezes, francezes e italianos

Algumas edições desta caza:

## Direito Publico Internacional

(A sinteze dos principios e a contribuição do Brazil).  
Obra de alto valor doutrinario e científico, o DIREITO PUBLICO INTERNACIONAL do Dr. C. Bevilacqua é unica em seu genero, quer na literatura juridica nacional, quer na europeia e norte-americana. Ha nela assuntos inteiramente novos, e o *Direito Internacional Americano* é discutido com a elevação de vista peculiar ao seu illustre autor. O que mais preocupa, porém, o livro em questão, é o Brazil, pois não ha uma só questão juridica internacional em que o Brazil se imiscuisse que fosse olvidada pelo emerito jurista. Concebido em moldes rigorosamente científicos e distribuido em syntheses luminosas, o DIREITO PUBLICO INTERNACIONAL do Dr. Clovis Bevilacqua, vem prestar relevantes serviços aos juristas, diplomatas, advogados, estudantes e estudiosos. 2 grossos volumes, nitidamente impressos e encadernados 30\$000

## O Processo Criminal Brasileiro

Livro de altissimo valor, «O Processo Criminal» do Dr. João Mendes de Almeida Junior, esgotou-se em pouco tempo. Além do estudo historico-filozofico do nosso instituto processual e de um retrospecto historico das instituições judicarias e formas do processo criminal, este monumental tratado occupa-se ezaustivamente, em estilo

simple e perfeitamente didatico, de toda nossa processualistica penal, desde a prisão em flagrante até á execução das sentenças. 2 grossos volumes, nitidamente impressos, 2.ª edição, broch. 30\$000  
A mesma obra enc. 35\$000

## Rios e Aguas Correntes

em suas Relações Juridicas, pelo Dr. Manoel Ignacio Carvalho de Mendonça. 1 vol, in-8 francez de 369 pags., br. 15\$000  
A mesma obra enc. 18\$000

## A Evolução do Direito,

por R. von Jhering, (*Zwewek im Recht*), vertido da trad. franceza de O. de Meulenaere, por «Abel d'Azevedo», advogado. Esta obra encerra inteira e completa, a synthese do pensamento juridico do grande, do extraordinario jurisconsulto que foi Jhering; contém, na propria expressão d'ele, o resultado de toda a sua vida científica. Hoje, que toda a gente se dedica á sociologia, muito deve interessar o conhecer como o poderoso escritor alemão, cujo nome é universalmente respeitado, estabelece as bases da ordem social. 1 vol. formato grande, br. 4\$000  
A mesma obra enc. 7\$000

## Assessor Forense,

compreendendo todas as ações conhecidas no fóro brasileiro em materia *Civil, Criminal, Commercial* o *Orfanologica*, dividido em quatro partes a saber:

## Ações Civeis. I Parte

— Novissimo formulario de todas as ações civeis conhecidas no fóro brasileiro, por Carlos Antonio Cordeiro, 8.ª edição, revista, melhorada e posta de acordo com a legislação da Republica, por M. G. de A. Autran. 1 grosso vol. nitidamente impresso., enc. 10\$000

## Ações Criminais. II Parte

— Novissimo formulario de todas as ações criminaes conhecidas no fóro brasileiro, por Carlos Antonio Cordeiro, 8.ª edição, revista, melhorada e aumentada com muitos termos e ações diversas segundo a legislação vigente. 1 grosso vol. de perto de 500 paginas, enc. 10\$000

## Ações Comerciaes. III Parte

— Manual pratico do *Processo Commercial*, organizado conforme as disposições lejislativas concernentes á materia e á pratica estabelecida, seguido de um *Formulario de todas as ações* conhecidas no fóro commercial, pelo Dr. J. J. Pereira da Silva Ramos, 5.ª edição corrigida e aumentada de acordo com a legislação subzistente. 1 grosso vol. enc. 10\$000

## Ações Orfanologicas. IV Parte

— Novo roteiro dos orfãos ou guia pratica do *Processo Orfanologico* no Brazil, fundamentado na legislação respectiva, e illustrado pela lição dos praxistas, contendo muitas disposições novas e arestos dos tribunais, até ao presente, com o formulario de todos os processos, 3.ª edição corrigida e melhorada pelo «Dr. M. G. de A. A. 1 vol. enc. 10\$000

**Contratos no Direito Civil Brasileiro**, pelo "Dr. Manoel Ignacio Carvalho de Mendonça." 1 vol. 25\$000

**Recurso Extraordinario**, pelo Dr. Lucio de Mendonça, Ministro do Supremo Tribunal. 1 vol. br. 28\$000

**Sistema do Direito Civil Brasileiro**, pelo Dr. Eduardo Espinola, em 5 volumes:

I. — *Introdução e parte geral*. 1 vol. de 604 pags., br. 20\$000

A mesma obra enc. 23\$000

II. — *Direito das Obrigações*:  
1.ª Parte — *Das Obrigações in Genese*. 550 a 600 pags. br. 20\$000

A mesma obra enc. 23\$000

2.ª Parte — *Das Obrigações in Specie*. 700 pags. (no prelo).

III. — *Direitos Reaes*. 700 a 750 pags. (em preparação)

IV. — *Direitos de Família*. 500 a 550 pags. (em preparação)

V. — *Direitos de Sucessão*. 600 pags. (em preparação)

**Direito do Estrangeiro no Brasil**, pelo Dr. Rodrigo Octavio. 1 vol. in-8 fr. de 366 pags., br. 10\$000

A mesma obra encadernada em 1/2 chagrin com nervos 13\$000

**Constituições Federaes Confrontadas** -- do Brasil, Arjentina, Estados Unidos da America, Suissá; obra muito util aos estudantes de Direito Constitucional, pelo Dr. Rodrigo Octavio. 1 vol. in-8 fr. crt. 6\$000

**Títulos ao Portador no Direito Brasileiro**, pelo Dr. Inglez de Souza. 1 vol. in-8, br. 12\$000

A mesma obra enc. 15\$000

**Nova Faze do Direito Civil** em suas relações economicas e sociais, por Enrico Cimbali. 1 vol. in-8, enc. 10\$000

**Em Defesa do Projecto do Codigo Civil Brasileiro**, por Clovis Bevilacqua. 1 vol. de 358 pags., 10\$000

A mesma obra enc. 13\$000

**Codigo Commercial do Brazil**, pelo Conselheiro Orlando, 6.ª edição, completamente refundida e aumentada até aos nossos dias. 2 belos vols. in-8 francez, impressos em tipos novos e bom papel 40\$000

**Guia Eleitoral** (legislação federal), 2.ª edição, pelo Dr. Eugenio Egas. 1 vol. de 142 pags. in-8, br. 2\$000

**OFundamento dos Interditos Possessorios** pelo Dr. Rudolf von Ihering, com um apendice contendo um estudo sobre o *corpus possessionis* do autor e uma critica da teoria possessoria de Ihering, pelo Dr. Joseph Duquesne. Tradução devidamente autorizada e copiosamente anotada pelo Dr. Adherbal de Carvalho. 2.ª edição brasileira. 1 vol. in-8, bem impresso, br. 7\$000

A mesma obra enc. 10\$000

**Direito Commercial**. Preleções professadas pelo Dr. Inglez de Souza na Faculdade Livre de Ciencias Juridicas e Sociais do Rio de Janeiro e compiladas pelo Dr. Alberto Biolchini. 2.ª edição muito melhorada. 1 vol. de 371 pags. in-8, br. 7\$000

A mesma obra enc. 10\$000

**Da Posse e das Ações Possessorias**, segundo o Direito Patrio comparado com o Direito Romano e Canonico, pelo Dr. Antonio Joaquim Ribas, lente jubilado de direito Civil Patrio, etc., nova edição cuidadosamente anotada.

1 vol. in-8 fr. de 347 pags. br. 7\$000

A mesma obra enc. 10\$000

**Direito Civil** (Curso), pelo conselheiro Dr. Antonio Joaquim Ribas (tanto esta obra como a Posse eram propriedade da Livraria Falconi). 1 vol., br. 20\$000

A mesma obra enc. 23\$000

**Nova Consolidação das Leis Civis** vijentes em 11 de Agosto de 1899; Direito Civil brasileiro recompilado pelo Conselheiro Carlos Augusto de Carvalho.

1 vol. de 771 pags. in-8, enc. (esgotado)

**Codigo Penal do Brazil** (Anotações teórico-praticas), de acordo com a doutrina, a legislação e a jurisprudencia nacionais e estrangeiras, seguida de um apendice contendo as leis em vigor e que lhe são referentes, pelo Dr. Antonio Bento de Faria.

1 vol., br. 15\$000

A mesma obra enc. 18\$000

**Arrazoados e Estudos do Direito** por Franklin Doria, com um prefacio do Dr. Clovis Bevilacqua. 1 vol. in-8 de 341 pags., br. 5\$000

A mesma obra enc. 8\$000

**Leis e Formulas Processuaes**, pelo Dr. Francisco Eugenio de Toledo.

1 vol. in-8 de 650 pags. br. 6\$000

A mesma obra enc. 8\$000

**Nullidade do Processo Civil e Commercial**, pelo Dr. Francisco de Toledo. 1 vol. in-8, br. 10\$000

A mesma obra enc. 13\$000

**Espulsão de Estrangeiros do Territorio Nacional**: Decreto n. 1641 de 7 de Janeiro de 1907, ligeiramente comentado e pre-

cedido de alguns capitulos doutrinarios sobre o fundamento do direito de espulsão e com referencias aos autores nacionais e á jurisprudencia, pelo Dr. Francisco de Paula Lacerda de Almeida.

1 vol. in-8 de 133 pags., br. 6\$000

A mesma obra enc. 9\$000

**Das Pessoas Juridicas**. Ensaio de uma teoria, pelo Dr. Francisco de Paula Lacerda de Almeida.

1 vol. in-8 de 212 pags., br. 10\$000

A mesma obra enc. 13\$000

**Cazamento Civil Brasileiro**. Commentario etico-juridico ao decreto n. 181 de 24 de Janeiro de 1890, por Ludgero Antonio Coelho.

1 vol. in-8 de 396 pags., br. 7\$000

A mesma obra enc. 10\$000

**Praxe Brasileira**, pelo Barão de Ramalho, 2.ª edição aumentada com anotações pelo Dr. Pamphilo d'Assumpção, devidamente autorizado em vida pelo autor.

1 vol. in-8 de 668 pags., br. 25\$000

A mesma obra enc. 28\$000

**Direito Romano** (Doutrina); resumo completo das preleções desta materia taquigrafadas na Faculdade de Direito de S. Paulo, por um BACHAREL EM DIREITO, 2.ª edição.

1 vol. in-8 fr. de 269 pags., br. 10\$000

A mesma obra enc. 13\$000

**Doutrina e Pratica das Obrigações** ou *Tratado... Geral dos Direitos de Credito*, pelo Dr. M. J. Carvalho de Mendonça. 1 vol. de 952 pags., enc. 30\$000

**Do Contrato de Abertura de Credito**, pelo Dr. Paulo de Lacerda.

1 vol. in-8 fr. de 483 pags. br. 15\$000

A mesma obra enc. 18\$000

**Estudos sobre o Contrato de Conta Corrente**, pelo Dr. Paulo de Lacerda. 1 vol. in-8 fr. de 303 pags., br. 15\$000

A mesma obra enc. 18\$000

**Organização Juridica de S. Paulo**. Coleção... de todas as leis, regulamentos, decretos e instruções sobre a organização judiciaria, cuidadosamente anotada pelo Advogado Cardoso de Almeida, 3.ª edição correta e aumentada. 1 vol. in-8 fr. de 276 pags., br. 10\$000

A mesma obra enc. 13\$000

**Direito Civil** (Teoria geral), por Clovis Bevilacqua.

1 vol. in-8 fr. de 433 pags. enc. 20\$000

**Processo Sumarissimo** perante os Juizes de Paz, pelo Dr. Rodolfo de Faria, com um prefacio do Dr. J. Pamphilo d'Assumpção.

1 vol. in-8 fr. de 113 pags., br. 5\$000

**Reilmento de Custas e Regulamento do Selo** do Estado de S. Paulo, anotados e organizados pelo advogado Rodolpho de Faria.

1 vol. in-8 fr. de 120 pags., br. 3\$000

**Divizões e Demarcação de Terras Particulares**. Tratado a consolidação de todas as disposições relativas á materia, um formulario destas ações, legislação relativa dos diferentes Estados da União, etc., pelo Advogado Rodrigo Octavio, procurador da Republica no Distrito Federal, 2.ª edição melhorada.

1 vol. br. (no prelo)

**Do Dominio da União e dos Estados**, segundo a Constituição Federal, pelo Dr. Rodrigo Octavio; monografia premiada com medalha de ouro «Silva Lisboa», pelo Instituto dos Advogados Brasileiros.

1 vol. br. 4\$000

A mesma obra enc. 6\$000

**Arte de Requerer em Juízo** ou *Novo Advogado do Povo*, contendo uma grande copia de fórmulas e petições tanto no civil como no crime seguido do formulario dos despachos e da forma dos inventarios, partilhas, contas e processo de remoção de tutores, suplemento de idade e prestação de contas, tudo em estilo claro e competente anotado por J. M. P. de Vasconcellos.

10.ª edição, acomodata á legislação da Republica. 1 grosso vol. enc. 10\$000

**A Vida do Direito e a Inutilidade das Leis**, por Jean Cruet, doutor em Direito e advogado na «Cour d'Appel», de Paris.

2\$000

«Inutilidade das Leis» não quer dizer a sua negação. Esta obra examina se não ha contra o direito do legislador e a par d'ele um direito do magistrado e um direito dos costumes. O autor, levado por exemplos de todos os codigos, de todas as constituições, de todos os codigos, de todas as constituições, de todos os países, afirma a conveniencia de se fazerem no molde em que deve ser vazado o pensamento legislativo, certos retoques ou correções. O legislador não devia prometer aquilo que não pudesse cumprir.

Titulos de alguns capitulos: *O respeito fictio do direito consagrado; A ação inovadora da jurisprudencia franceza; O valor da jurisprudencia; Os costumes politicos contra as leis constitucionais; O governo contra a lei; As praticas ilegais da administração; O direito sexual e familiar na vida e nos textos; O confito da lei e da evolução economica; O direito corporativo é a lei nacional; O direito dos contratos e o direito do Estado; O valor do costume; A lei, como fórmula dos principios — Eziem principios?; A igualdade perante a lei e a luta do individuo pelo direito; A psicologia da obediencia ás leis; A luta do Estado pela lei; A ilusão de legislar para o futuro — Atrazo necessario das leis sobre os fatos; A morte natural das leis — O dezuço; A conquista do poder politico e o metodo revolucionario; A função legislativa e os seus orgãos.*

1 vol. enc. 3\$000

**Determinismo e Responsabilidade**, por A. Hamon tradução de Bel-Adam (2.ª edição correta).

Compreende as sete lições que o autor expôs em 1897, com uma minucia científica extraordinaria e uma forma viva e encantadora, na Universidade Nova de Bruxelas, debatendo fóra de todo o feitiço escolastico, questões como estas: *O homem é livre ou determinado? Que é crime? Qual a sua natureza? Que é responsabilidade? Qual o seu processus evolutivo? Quais as suas bases? Exizite ou não?*

Escrito num largo espirito de independencia e de verdade, sem idéas preconcebidas e sem prudidos de chocar as opiniões reinantes, este livro serve de *introdução geral á criminalojia*: todas as theorias, todos os preconceitos, todas as rotinas, todos os sistemas passaram nas suas paginas pelo crivo d'uma análise muito penetrante, muito clara e muito pitoresca.

1 vol. de 120 pags. br. 1\$500

A mesma obra enc. 2\$500

**A Luta pelo Direito**, por R. von Ihering, tradução e prefacio de João de Vasconcellos, advogado.

1 vol. de 157 pags. br. 2\$000

«Biblia da humanidade civilizada», chamou Laveleye a este livro. Evangelho santo dos oprimidos — diz o tradutor — elle é tambem de todos aqueles a quem, uma vez ao menos, o travo amargo de uma grande injustiça envenenou dolorosamente o coração. Apoteoze á corajem e á energia, — as maximas que delle se estraem são as que devem orientar a independencia activa de todo o homem digno, — os principios em que se baseia são os que devem constituir a integridade absoluta de todo o carater levantado.

**A Multidão Criminoza**, por Sighele.

Gustavo Le Bon, em França, e S. Sighele, na Italia, os dois escriptores que mais se têm dedicado ao estudo da psicologia colectiva, assunto por assim dizer de hoje, e que ainda está, portanto, na sua meninice. Travou-se duelo entre estes dois sabios sobre a prioridade dos escritos e dessa luta apenas se chegou á conclusão de que ambos tratam o assunto sob modos diversos: Le Bon encara-o sob o criterio da escola franceza; Sighele sob o da escola italiana, de antropolojia criminal, de Lombroso, de Garofalo, de Ferri. E assim a obra de Sighele, A MULTIDÃO CRIMINOZA, é um estudo sistemático de psicologia colectiva, onde se estabelecem principios, pontos de partida, e se fazem definições sobre o estudo das multidões em geral e nomeadamente das criminaes. Quem se dedicar a tais estudos ou quem pretender iniciar-se num assunto tão interessante quanto instructivo, deve, pois, não desprezar os ensinamentos de Sighele nesta sua obra bazilar para todo o estudo psicologico dos diversos agregados sociais.

1 vol., br. 1\$500

A mesma obra, enc. 2\$500

**Fiziolojia do Direito**, pelo Dr. S. Striker, professor de patolojia da Universidade de Vienna, tradução do Dr. Adherbal de Carvalho; com um estudo de *Clovis Bevilacqua*, 2.ª edição.

1 vol. com 292 pags., br. 3\$000

A mesma obra enc. 4\$000

**Filozofia do Direito**, pelo Dr. Sylvio Romero, 2.ª edição, inteiramente refundida e posta de acordo com o programa da Faculdade Livre de Ciencias Juridicas e Sociais. 1 vol. 5\$000

**Cazamento Civil**, segundo o Decreto n. 181 de 24 de Janeiro de 1890, anotado e seguido do respectivo formulario de acordo com as determinações do governo, por M. G. de Alencastro Autran, ex-juiz de cazamentos, 4.ª edição. 1 vol. enc. 5\$000

**Codigo Penal** dos E. U. do Brazil, anotado segundo a legislação vijente para uzo dos juizes e jurados, com a gradação das penas, por Manoel Godofredo de Alencastro Autran, 5.ª edição corrigida e melhorada.

1 vol. enc. 5\$000

**Direito Constitucional** (Estudos de), por E. Boumy, membro do Instituto, diretor da Escola Livre de Ciencias Politicas, tradução de Lucio de Mendonça, ministro do Supremo Tribunal Federal.

1 vol. enc. 8\$000

**Da Falencia**, e seu respectivo processo, segundo o Decr. n. 917 de 24 de Outubro de 1890, anotado de acordo com a legislação vijente, por Manoel Godofredo de Alencastro Autran, 2.ª edição corrigida.

1 vol. enc. 5\$000

**As Sociedades Anonimas**, ou consolidação das leis e regulamentos respectivos, segundo o Decreto n. 434 de 4 de Julho de 1891, conveniente anotado e seguido de um indice alfabetico e remissivo, por M. G. de Alencastro Autran.

1 vol. de 207 pags. enc. 5\$000

**Noções de Direito Federal**, professadas na Universidade de Buenos-Aires, por D. José Manoel Estrada, tradução e notas do Dr. Rodrigo Octavio, obra muito util aos estudantes de Direito Constitucional.

1 vol. de 204 pags. cart. 3\$000

**Constituição dos Estados Unidos do Brazil** copiosamente anotada pelo Dr. João Barbalho, Ministro do Supremo Tribunal Federal, 3.ª edição.

1 vol. de 101 pags. 1\$500

**Estudos de Direito Criminal** (Trabalhos forenses e decizões judicarias), pelo advogado Evaristo de Moraes. 1 vol. br. 5\$000

**Manual do Eleitor**, contendo a lei e todas as disposições referentes a mesma lei eleitoral (lei Rosa e Silva), seu regulamento e instruções, por um *advogado*.

1 vol. de 203 pags. cart. 2\$000

**Constituição Política do Estado de S. Paulo** (reformada em 9 de Julho de 1905), com referencias e notas. 1 vol. in-16 de 27 pags., br. 5\$000

**Catecismo Constitucional da Republica dos Estados Unidos do Brazil**, contendo toda a constituição em forma de catecismo e aumentado de numerosas notas explicativas do texto, escritas ao alcance das crianças, pelo Bacharel J. Borges Carneiro, 6.ª edição muito melhorada. 1 vol. car. 1\$000

**Catecismo Constitucional do Estado de S. Paulo**, organizado e anotado pelo bacharel J. Borges Carneiro. 1 vol. cart. 5\$000

**Catecismo Constitucional do Estado do Rio de Janeiro**, organizado e anotado pelo bacharel J. Borges Carneiro. 1 vol. cart. 5\$000

Todos os livros acima são remettidos para qualquer lugar, sem augmento de preço, bastando que o pedido venha acompanhado da respectiva importancia